

Jornalismo de Aventura: um Caminho para Percorrer¹

Maiara CALGARO²

Marliva Vanti GONÇALVES³

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

Este trabalho se propõe a mostrar de que forma o jornalismo de aventura vem ganhando espaço no meio jornalístico. O presente artigo também buscará identificar as principais características do jornalismo de aventura e abordará como a narrativa contribuiu para a consolidação do mesmo. Para isso, serão analisados os pontos concomitantes e distintos entre o jornalismo e a literatura, e assim, permitirá apontar de que forma o gênero já conhecido e estudado - o jornalismo literário, e o tema pouco abordado no meio - o jornalismo de aventura, se encontram.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornalismo literário; jornalismo de aventura; narrativa; viagem.

1 Introdução

No livro *Meu Everest* (2002), o autor Luciano Pires conta o episódio em que decidiu trocar a gravata e o paletó, que usava diariamente no exercício de sua profissão como executivo de multinacional, pela mochila e pelas botas e seguir para o pico mais alto do mundo: o Everest. Quando decidiu percorrer as trilhas do Himalaia, Luciano não tinha experiência no assunto e não praticava qualquer esporte havia mais de dois anos. O propósito do autor não era apenas desligar-se do mundo, mas provar ser possível alcançar seus sonhos.

Luciano viajou em 2001 e já entrou numa estatística que mostra o aumento do número de pessoas que buscam aventurar-se e praticar esportes como forma de se desconectar. As rotinas exaustivas, o aumento do estresse, os desafios diante às crises política e econômica são alguns dos fatores que levam os profissionais de diferentes áreas a procurar formas de sair dos meios urbanos. Paralelamente a isso, cresce o número de agências de aventura e guias de turismo que oferecem opções de lazer e aventura ao ar livre.

Muitos desses aventureiros amadores, que iniciaram apenas para “fazer algo diferente”, se apaixonam pela natureza e por esse estilo de vida. As ações realizadas ao fazer

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 1: Jornalismo da Intercom Júnior, evento componente do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul, e-mail: maiara_calgaro@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, e-mail: mvgoncal@ucs.br

um simples passeio na mata podem contribuir para o autoconhecimento e daí para as relações profissionais e familiares. A necessidade de superar medos, enfrentar desafios e trabalhar em equipe, acabam por desenvolver características que o mercado atual exige.

Diante desse cenário, nota-se que o jornalismo de aventura pode tornar-se um nicho de estudo, pesquisa e atuação para os jornalistas, uma vez que, com o aumento da procura por esportes ao ar livre, também aumenta a curiosidade por histórias e técnicas. Inspirado nisso, o presente artigo buscará mostrar de que forma o jornalismo de aventura vem ganhando espaço no meio jornalístico e quais são as suas principais características.

O fato de existirem poucos estudos sobre o jornalismo de aventura aumentou o interesse pelo assunto, uma vez que cresce o número de jornalistas que buscam conhecer lugares remotos, para, posteriormente, relatar suas experiências em livros.

Os amantes de esportes radicais, principalmente os escaladores, sonham com o topo do mundo, o Everest. Alguns se arriscam apenas até o campo base, ponto de partida da escalada, outros almejam o cume. Assim como nos esportes radicais, o jornalismo também não deixa de ser uma aventura. A busca diária pela notícia, a apuração da pauta e a entrevista com a fonte é o caminho que deve ser percorrido até o cume, ou melhor, até ver a matéria publicada. Em ambos os casos existem desafios a serem enfrentados.

2 Influência da literatura

O jornalismo, principalmente quando nos referimos ao jornalismo de aventura, é muito próximo da literatura. Embora a distância entre a literatura e o jornalismo venha diminuindo nas últimas décadas, ainda há dúvidas sobre o assunto e, até hoje, é causa de divergências. Na apresentação da obra *Literatura e Jornalismo*, de José Domingos de Brito (2007), Carlos Heitor Cony defende que o jornalismo e a literatura se distinguem por uma expressão datada. Para Cony, o gênero próximo que unia os dois eram as palavras que despertavam emoções e apelos à razão, porém, a diferença é o tempo – um escreveu para o dia e o outro para sempre. Para Carlos Ribeiro, na obra organizada por Brito (2007), os princípios básicos do jornalismo, como a objetividade, a clareza e a concisão, são referências importantes também no texto literário.

Mas, nem todos pensam que um complementa o outro. Gabriel García Márquez, na coletânea de Brito (2007) defende que o escritor, na criação literária, concede-se uma liberdade desconhecida no jornalismo. Mesmo pensamento de Gisela Campos, presente na

obra referida, quando afirma que a vocação do jornalista é mostrar a verdade, já a do escritor seria construir um universo próprio.

Manuel Ángel Várquez Medel, no ensaio *Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências* presente na coletânea de Castro e Galeano (2005), inicialmente segue a mesma linha de pensamento, quando apresenta um resgate histórico e diz que jornalismo e a literatura não têm ligação. “Jornalismo e literatura são práticas discursivas verbais que mantêm um falso contencioso baseado no prestígio de uma ou outra atividade que, apesar dos elementos comuns, mantêm técnicas diferenciadas” (CASTRO; GALEANO, 2005, p. 16). Porém, ainda no mesmo ensaio, Medel mostra que, com o tempo e, principalmente, com o surgimento do *New Journalism*, assunto que será abordado com maior profundidade no decorrer deste trabalho, a literatura e o jornalismo romperam fronteiras de modo que permitiu-se um importante impulso às formas de escrita literária que adotam a retórica do jornalismo.

Felipe Pena (2006), em *Jornalismo Literário*, denomina o assunto como “Literatura de Realidade” e “Literatura de Não-ficção”, e afirma que, além de jornalistas e escritores, historiadores e cientistas sociais podem praticar.

O próprio conceito de Jornalismo Literário, que é caracterizado como uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) Literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização (PENA, 2006, p. 105).

Na mesma obra, o autor menciona as características do texto de jornalismo literário, como o apuro na linguagem e na estética, privilegiando a observação sensível dos fatos. “O texto literário pressupõe um compromisso com a qualidade, já que permite a incorporação de elementos subjetivos e figuras simbólicas, deslocando a linguagem do viés de mero instrumento para o centro das preocupações” (PENA 2006, p. 176).

Ao longo da história, muitos estudiosos buscaram definir o jornalismo literário como um gênero específico. Porém, para Felipe Pena, no artigo *O Jornalismo Literário como gênero e conceito*⁴, essa missão torna-se impossível. Sendo a única solução, a proposta de

⁴ PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Disponível em: <<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>>. Acessado em: 7 de fevereiro de 2015.

uma aproximação conceitual, identificando subdivisões possíveis de acordo com o momento histórico.

Ainda conforme Pena, no Brasil, o jornalismo literário é classificado de diferentes formas. Alguns autores dizem que se trata do período da história do jornalismo, parte do século XIX, quando escritores assumiram as funções de editores, cronistas ou autores de folhetins. Outros identificam o conceito com o *New Journalism*, iniciado nas redações americanas na década de 1960. E outros ainda, incluem como exemplos as biografias, romances-reportagens e até a ficção-jornalística.

Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia (PENA, 2006, p. 21).

Segundo Menezes (1997), para o público se sensibilizar ante a notícia, é preciso que o estilo jornalístico seja, tanto quanto possível, agradável e atraente. Ou seja, para tornar o texto mais “leve” pode haver inspiração na literatura.

Antes de finalizar, o autor lembra algumas diferenças, como a literatura sendo a transposição do real, enquanto o jornalismo seria a realidade em si mesma. Segundo Menezes (1997) o escritor cria e expressa seus próprios sentimentos, e o jornalista comunica os sentimentos e as reivindicações da comunidade.

Diante disso, pode-se chamar o jornalismo e a literatura de gêneros complementares, afinal, a quantidade de influências a que os dois estilos se submeteram nessas décadas dificulta a reconstrução da trajetória de ambos, em um sentido “puro”.

2.1 *New Journalism*

O *New Journalism* também é considerado por alguns como parte do jornalismo literário. Na obra *Radical Chic*, Tom Wolfe, conhecido o pai do *New Journalism*, o qual surgiu em meados de 1960, conta de que forma resolveu arriscar-se em uma nova forma de escrita. “A reportagem realmente estilosa era algo com que ninguém sabia lidar, uma vez que

ninguém costumava pensar que a reportagem tinha uma dimensão estética” (WOLFE, 2005, p. 22).

Wolfe contrariou as tradições e técnicas literárias em suas reportagens, usando uma abordagem mais humanista e detalhista. Assim, o *New Journalism* começou a ganhar força. Além de Wolfe, nomes como Gay Talese e Norman Mailer começavam a se destacar nesta época.

Wolfe (2005) lembra que, em 1963, ele “entrou” no *New Journalism*, mesmo sem intenção. Mas sim pelo fato de poder usar qualquer recurso literário para excitar tanto o lado intelectual como o emocional do leitor. “Gostava da ideia de começar uma história deixando o leitor, via narrador, falar com os personagens, intimidá-los com ironia ou condescendência” (WOLFE, 2005, p. 31).

Segundo o autor, o *New Journalism* aprendeu técnicas do “realismo jornalístico” como o imediatismo, as noções de realidade concreta, o envolvimento emocional e a qualidade absorvente ou fascinante.

Tinham que reunir todo o material que o jornalista convencional procurava – e ir além. Parecia absolutamente importante estar ali quando ocorressem cenas dramáticas, para captar o diálogo, os gestos, as expressões faciais, os detalhes do ambiente (WOLFE, 2005, p. 37).

Além disso, Wolfe (2005) apresenta o *New Journalism* com origem em quatro recursos: a construção cena a cena; registro do diálogo completo; ponto de vista da terceira pessoa, ou seja, a técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem, dando a sensação de estar na cena, ou “eu estava lá”; e registro de gestos, hábitos, costumes, entre outros detalhes dos símbolos do dia a dia, que possam existir dentro de uma cena.

Ao detalhar a reportagem no *New Journalism*, Wolfe supõe que teve início com a literatura de viagem do final do século XVIII e do começo do século XIX, quando muitos autores pareciam inspirados no sucesso das autobiografias.

Na obra *Páginas Ampliadas*, Edvaldo Pereira Lima aborda o *New Journalism*. Ele defende que o livro-reportagem abrigou, com mais intensidade, o novo jeito de fazer jornalismo. Ele lembra que Wolfe descobriu

[...] que não há como relatar realidade senão com cor, vivacidade, presença. Isso é, com um mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver, na pele, as circunstâncias e o

clima inerente ao ambiente de seus personagens. Nasce a versão jornalística da observação participante moderna (LIMA, 2004, p. 122).

A obra de Edvaldo Pereira Lima busca criar instrumentos que permitam delinear de forma mais completa o campo do livro-reportagem. O autor aborda, em caráter específico, algumas de suas particularidades que merecem um tratamento detalhado. Segundo Lima (2004), o livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelos outros meios de comunicação.

Para o autor, o livro-reportagem é separado com a seguinte classificação: perfil, obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade; ensaio, onde fica evidente a presença do autor e suas opiniões sobre o tema; e viagem, onde o fio condutor é uma viagem a uma região geográfica específica.

Difere do relato meramente turístico, ou daquele dotado de romantismo e exotismo típicos aos viajantes não treinados profissionalmente no escrever, por ter nítida preocupação com a pesquisa, com a coleta de dados, com o exame de conflitos (LIMA, 2004, p. 58-59).

Também devemos lembrar que para Edvaldo Pereira Lima o jornalismo literário exige uma espécie de “mergulho” do repórter naquilo que se deseja retratar, privilegiando a observação minuciosa. Essa é uma das preocupações da maioria dos jornais norte-americanos, a “reportagem de imersão”, como é chamada a matéria que exige profunda apuração e trato diferenciado no texto.

2.2 Narrativas de viagem

Na verdade, não existe uma história científica sobre o surgimento, os conceitos e marcos de aventureiros pelo mundo. Mas, antes mesmo de Cristo, já se notava que viagens ao desconhecido eram realizadas. Relatos de grandes expedições ou jornadas menores se encontram em livros de histórias ou até mesmo na Bíblia.

Depois da evolução da espécie e o surgimento do homem na África, a saída do continente e o começo do povoamento do mundo talvez tenha sido a grande aventura e desafio da humanidade. Outro exemplo para os cristãos está no livro Êxodo, do Antigo Testamento, em que conta-se a viagem de 40 anos feita por Moisés e seu povo em busca da terra prometida dos judeus.

Acredite-se ou não, a verdade é que sempre serão histórias inspiradoras. Como as andanças de Homero (VIII a.C.) descritas no artigo *Narrativas de viagem*: escritos autorais que transcendem o tempo, da pesquisadora Monica Martinez. Segundo Martinez (2012), devemos a Homero a primeira narrativa de viagem em *Ilíada*, em que Homero relata a Guerra de Tróia. Após três séculos do relato de Homero, outro grego, Heródoto, registrou os primeiros relatos baseados em viagens pessoais.

O pesquisador Renato Mordenell (2009) atribui ao historiador grego Heródoto a posição de decano entre os autores de narrativas de viagens, na sua tese de doutorado *Em Trânsito, Um estudo sobre narrativas de viagem*.

O especialista em Turismo, John Swarbrooke (2003), apresenta no livro *Turismo de Aventura* a história dos principais viajantes da história mundial. Como as Grandes Navegações dos séculos XV e XVI em que muitos exploradores como Colombo, Thomas Cook, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães enfrentavam privações, e até mesmo a morte, em busca de novos territórios.

O especialista ainda destaca outro tipo de aventureiro, os escritores viajantes. Para Swarbrooke et al. (2003) à medida que a mídia sobre viagens cresce, presenciamos o desenvolvimento do turismo de uma classe de escritores viajantes. Eles viajam para lugares exóticos e compartilham suas experiências com os leitores menos aventureiros por meio de seus escritos.

Muitos desses escritores passaram a olhar o mundo através de um novo ângulo ou enfoque original. Entre as atividades escolhidas, citamos a viagem de volta ao mundo em uma bicicleta ou a obediência a um tema específico, tal como refazer os passos de gerações anteriores de aventureiros. [...] Eles estão se tornando notadamente menos sérios e eminentes no tom, e mais bem-humorados e brincalhões na atitude. [...] A aventura nos relatos de viagem nem sempre provém mais dos ambientes físico - os seres humanos também passaram a ser a inspiração (SWARBROOKE et al., 2003, p. 45).

Neste ponto, torna-se importante esclarecer que o termo aventura, segundo John Swarbrooke et al. (2003), é algo subjetivo e singular. Na obra *Turismo de aventura*: conceitos e estudos dos casos, o autor (2003) explica que

[...] a aventura não é um conceito absoluto com o mesmo significado para todos. Trata-se de um conceito altamente pessoal, assumem diferentes significados para diferentes pessoas. Uma atividade tida como corriqueira ou normal para uma pessoa pode representar uma aventura incomum para outra dependendo de sua experiência ou personalidade (SWARBROOKE et. al, 2003).

Sendo assim, partimos da ideia que uma viagem pode ser considerada uma aventura, assim como um passeio corriqueiro do final de semana. A narrativa é a forma escolhida, na maioria dos casos, para contar essas histórias. Segundo Olinto (2008), o jornalista usa a narrativa para situar os acontecimentos, objetos e pessoas num lugar, tudo isso dentro de um tempo. Tanto o jornalismo como a literatura se sujeitam às leis de descrição e narrativa, a que não pode fugir a reportagem (real) nem a ficção (possível).

Como o escritor geralmente tem a necessidade de contar o que vê, ele prefere, muitas vezes, a narrativa direta, o que o aproxima da realidade, pelo menos daquela incluída na reportagem. Olinto (2008) lembra que, há séculos, o livro de viagens é considerado uma obrigação do romancista, poeta ou ensaísta que percorreu lugares estranhos. Era esse livro de viagens que substituía a reportagem. Para o autor, esses livros, como os de memórias ou as narrativas, podem estar enquadrados na classe do jornalismo em forma literária.

Para Renato Mordenell (2007), no artigo *Narrativas de viagem e jornalismo literário*, as narrativas de viagem ocupam um lugar dentro de um vasto campo do jornalismo literário. “Uma pessoa que se move em ambientes exóticos tem grande chance de cativar aqueles que prefeririam estar lá, em aventuras mais gratificantes, do que trancadas nos elevadores e nos congestionamentos das cidades” (MODERNELL, 2007, p. 106).

Para Mordenell (2007) é preciso flexibilizar a fronteira entre realidade e imaginação, já que em narrativas de viagem ela é mais imprecisa do que em outros gêneros. Na maioria desses relatos não é possível conferir a veracidade, já que o leitor está longe do cenário em que a ação se desenrola.

Essas são algumas das questões que leva o autor identificar na literatura de viagem inúmeros fatores de fabulação,

como o alto grau de envolvimento existencial do narrador; os condicionamentos psicológicos, logísticos e ambientais de sua jornada; a multiplicidade dos temas abordados; e também a indulgente expectativa do leitor em relação a eventos ocorridos em terras distantes (MORDENELL, 2007, p. 110).

No capítulo *O Transtorno da Viagem*, presente na obra *A Crônica*, de Antônio Candido (1997), há o depoimento de um médico do século XVI, Johann Eichmann, que desde aquela época, já argumentava dizendo que:

[...] os aventureiros com suas mentiras disparatadas, suas falsidades e narrações fantasiosas contribuíram para que se dê pouca consideração às

pessoas honestas e amantes da verdade, que vêm de terras estranhas, e também vulgarmente se diga: Quem quiser mentir, discursar sobre coisas distantes, pois ninguém lá vai verificá-las (EICHMANN apud CANDIDO, 1992, p. 31).

Em partes, a pesquisadora Monica Martinez segue o mesmo pensamento. Ela classifica as narrativas de viagem em três tipos principais: relatos ficcionais, não-ficcionais e misto, produtos de ficção inspirados em fatos reais. Martinez (2012) também aponta que a percepção do narrador, é a de um observador atento e, muitas vezes, dotado de habilidade narrativa, é ponto fundamental dos relatos do viagem.

Como exemplos de narrativas de viagens, a autora lembra as aventuras do jornalista Henry Stanly quando foi à África, em 1871, encontrar um missionário perdido e depois registrou o feito no livro *How I found Livingstone in Central Africa*⁵.

No Brasil, temos os exemplos dos livros do navegador Amyr Klink e da família Schurmann. Também há o jornalista Airton Ortiz, autor de oito livros da Coleção Viagens Radicais da Editora Record. “Com a consolidação do jornalismo no século XIX, muitos jornalistas-escritores publicam em livro-reportagem o excedente de seu material de reportagem ou reflexões sobre suas próprias viagens” (MARTINEZ, 2012, p. 44).

A autora também defende que as narrativas, como as de viagem, simbolizam a aventura da autodescoberta humana.

A importância da ação dos jornalistas-escritores que escrevem narrativas de viagem talvez transcenda a responsabilidade social. Afinal, a vivência e o relato de realidades e visões de mundo diferentes talvez atraia atenção pelo seu potencial de tocar “cordas” profundas nos autores e leitores (MARTINEZ, 2012, p. 48-49).

O pesquisador Renato Modernell (2009) traz parte de um artigo de Umberto Eco sobre o ato de viajar, atualmente. No artigo, Eco argumenta que já não viajamos para o desconhecido, como faziam nossos ancestrais, mas sim, para confirmar o que já vimos na tela da televisão.

Mesmo assim, os relatos de viagem que fogem do padrão continuam a nos encantar. Os homens que contam histórias ocorridas em lugares distantes parecem sempre ter provocado no público, ao longo do tempo, um misto de fascínio e desconfiança. A dúvida por que não sabemos até onde vai a imaginação do autor em relação aos elementos comprováveis constitui, sem dúvida um atrativo a mais. Eles talvez nos ajudem a entender por que,

⁵ Como eu encontrei Livingstone na África Central (tradução nossa).

enquanto tantas outras modalidades de escrita sucumbem ao tempo, a Narrativa de Viagem se mantém viva e saudável há 25 séculos (ECO apud MODERNELL, 2009, p. 20).

No artigo *Do testemunho à leitura: aspectos da evolução do narrador jornalístico*, hoje, Bruno Souza Leal (2002), olha este fato por outro lado. Ao falar sobre autenticidade e qualidade informativa, ele defende que o jornalismo se baseia num pacto de credibilidade com o seu leitor, a ser posto “em xeque”. Esse pacto se reafirma na elaboração e na recepção de cada história. “Muita dessa credibilidade vem exatamente da apresentação do repórter como testemunha dos fatos. Sua presença no local dos acontecimentos é um dos elementos-chave para a autenticidade e, conseqüentemente, credibilidade” (LEAL, 2002).

3 Jornalismo de Aventura

A definição e as características do termo “jornalismo de aventura” poucos se aventuraram a pesquisar. Mesmo com a escassez de estudo na área, fica evidente a importância do tema, uma vez que há relatos de viagens desde a antiguidade e há interesse crescente da sociedade na busca por assuntos relacionados à aventura.

Também vale ressaltar que uma viagem começa muito antes de subirmos no trem ou colocarmos o pé na estrada. Começa quando imaginamos os locais dos quais já ouvimos o nome, vimos uma fotografia, lemos um livro. Onfray (2009) defende que qualquer linha escrita por um “viajante autor” aumenta mais o desejo de conhecer o lugar descrito. Para ele, entre o mundo e nós, intercalaremos, prioritariamente, as palavras.

A viagem começa numa biblioteca. Ou numa livraria. Misteriosamente, ela tem lugar ali, na claridade de razões antes escondidas no corpo. No começo do nomadismo, encontramos assim o sedentarismo das prateleiras e das salas de leitura, ou mesmo do domicílio onde se acumulam os livros, os atlas, os romances, os poemas, todas aquelas obras que, de perto ou de longe, contribuem para a formulação, a realização, a concretização de uma escolha de destino (ONFRAY, 2009, p. 25).

Assim, nasce o desejo de vermos um animal raro, uma planta exótica e desperta a vontade de andar por um local desconhecido. Assim, também surgem os repórteres de aventura, para a alegria daqueles que, embora motivados por essa busca, preferem se arriscar por meio dos livros e viajar com o escritor, página por página.

Entre os jornalistas escritores desta área, há o aventureiro Airton Ortiz, quem considera-se “o pai” do jornalismo de aventura. Em uma matéria de Priscila Pasko, veiculada

no *Jornal do Comércio*, em setembro de 2014, ela apresentou Ortiz como “um dos pioneiros do gênero Jornalismo de Aventura, onde o repórter assume, ao mesmo tempo, o papel de repórter e protagonista da reportagem” (PASKO, 2014, p. 1). Esta é a principal característica defendida por Airton Ortiz sobre o jornalismo de aventura. Entretanto, nos livros dele, da *Coleção Viagens Radicais*, notamos uma série de traços que podem ser considerados também como jornalismo de aventura.

O professor Edvaldo Pereira Lima (2013) expõe algumas dessas particularidades como parte do Jornalismo Literário Avançado. Citamos algumas, retiradas do artigo *Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no século XXI*, como o conjunto de princípios operativos e técnicas que diferenciam sua natureza, em comparação ao modelo convencional de jornalismo. Exemplos são os modos de captação da realidade, o principal sendo a observação participante. Também há imersão mais ampla possível do repórter/autor no universo temático definido por sua pauta; os recursos narrativos, tais como a construção cena a cena, o ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa e os modos de edição de matérias.

A outra marca apresentada por Lima (2013) centra-se no caráter autoral do jornalismo literário. A partir do rico conjunto de ferramentas disponíveis, o jornalista literário produz sua matéria com estilo próprio e voz autoral diferenciada. Ou seja, a totalidade da sua maneira de reportar o real, incluindo seu modo de interação com os personagens efetivos da narrativa.

Na segunda parte deste artigo, escrita no ano seguinte, em 2014, Edvaldo Pereira Lima cita que o autor do *Jornalismo Literário Avançado* faz uma leitura investigativa, mergulhando visceralmente no real.

Vai a campo, observa, interage, capta o significado da rede de fatores e forças que configuram um momento e uma situação de realidade. Interpreta. E apresenta sua reprodução desse real de um modo narrativo peculiar. Tem a habilidade literária do bom escritor de ficção, mas adaptada à narrativa de não ficção ou ao ensaio de não ficção. À sua disposição, um arsenal de formas narrativas – o perfil, a reportagem temática, o texto de viagem ou de memórias, até mesmo a biografia – e o recurso muito peculiar do ensaio pessoal (LIMA, 2014).

A característica da “imersão no real” é a principal marca dos livros de Airton Ortiz. O autor também defende que o repórter do *Jornalismo Literário Avançado* é aquele que interage com o meio e sua comunidade.

Na medida em que essa *imersão no real* tem como fio condutor o ser humano – é através de personagens reais, suas ações e seu mundo, que o autor conduz seu texto -, fica evidente que conhecê-lo bem é fundamental para o jornalista literário. Como, ao mesmo tempo, precisa investigar o real de frente e com intensidade, necessita depurar seus instrumentos de apreensão da realidade (LIMA, 2014, grifo nosso).

Renato Mordenell (2009, p. 124), em sua tese, também fala sobre a imersão no ambiente relatado. Para ele, a experiência imersiva do protagonista associa uma viagem existencial ao trajeto geográfico, à qualidade não apenas informativa do texto, mas também estética. “É isso, aliás, o que o verdadeiro viajante busca ao longo do caminho. Só assim a viagem poderá perdurar na forma de palavra impressa”.

Mordenell (2009) também cita algumas características da narrativa de viagem que são encontradas nas obras que Ortiz considera jornalismo de aventura. Por exemplo, a obra inclui conteúdos autobiográficos; retrata uma experiência vivida em profundidade (imersão); o texto tem elementos de romance de aventura; o viajante se diferencia do turista por sustentar um olhar inquisitivo sobre o que o cerca; convive de forma criativa com a insegurança e a surpresa; deixa-se levar pelo fluxo dos acontecimentos; delicia-se com os pequenos flagrantes da vida; o autor reflete sobre a natureza e a velocidade do deslocamento; o autor tem acesso a esferas sociais com as quais não está habituado a conviver no “mundo comum”; e, por fim, o autor parece se mover “nas entrelinhas” dos guias turísticos, sem dar relevância a elementos conhecidos por todos, os chamados “cartões postais”.

Edvaldo Pereira Lima, em seu site⁶, apresenta o conceito de Jornalismo Literário de Viagem. Para ele, a definição não se distingue muito do que já expomos, porém, Lima se autodenomina como o responsável pelo termo.

Termo cunhado por Edvaldo Pereira Lima para designar narrativas de não-ficção sobre viagens produzidas em estilo de Jornalismo Literário. Formato bastante popular nos Estados Unidos e na Inglaterra, principalmente em livros, desdobra-se em tipos distintos, conforme a proposta editorial da obra, como deslocamento, natureza e jornada interior. No Brasil, é ainda pouco aproveitado por escritores nacionais, mas há traduções de autores clássicos desse gênero, como Ryszard Kapuscinski e Terziano Terzani. Mais do que em outras formas narrativas do JL, exige presença marcante do autor também como personagem, muitas vezes como protagonista. Tem caráter biográfico e está associado simbolicamente à ideia de aventura. Promete implicitamente ao leitor, mais do que uma leitura, uma viagem

⁶ LIMA, Edvaldo Pereira. Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>>. Acesso em: 21.fev.2015.

sensorial pelas experiências vividas pelo autor. Por isso, é natural, no gênero, a produção de textos esteticamente bem desenvolvidos, com a utilização de inúmeros recursos do arsenal narrativo disponível ao JL. Sua origem remota está ligada a narrativas mitológicas e a origem mais moderna, do século XIX para cá, é considerada uma das raízes históricas do próprio JL contemporâneo (LIMA).

John Swarbrooke et al. (2003) analisa os livros de viagem de outra forma, não somente pela narrativa. Em sua pesquisa, o autor afirma que os livros sobre viagem vêm tendo um crescimento espantoso nos anos recentes e ocupam um grande espaço nas livrarias. “Tradicionalmente, esses livros tratavam de expedições a lugares remotos e perigosos. Hoje em dia, no entanto, os livros sobre turismo de aventura abrangem uma variedade mais ampla de experiências de turismo” (SWARBROOKE et al., 2003, p. 146).

Na parte destinada ao estudo de caso, Swarbrooke et al. (2003), analisa que a literatura de viagem pode ser vista, na verdade, como literatura de viagem de aventura, pois a viagem representa uma aventura para o autor. Além disso, as viagens comuns tendem a produzir uma literatura muito maçante. Ele ainda elenca uma série de tipologias da literatura de viagem para provar essa diversidade, como por exemplo: livros sobre jornadas a destinos remotos e/ou exóticos, ou ainda a lugares perigosos devido ao clima, terreno, doenças ou guerra.

4 Considerações Finais

O jornalismo de aventura tem diversas características marcantes e que, misturadas às normas da literatura e do jornalismo, tornam-se um excelente objeto de estudo e leitura, além de incentivador de viagens e superações. Dentre os principais autores deste segmento está Airton Ortiz, jornalista que busca infiltrar-se nas culturas das cidades que visita, conversar com pessoas, pesquisar curiosidades e tornar-se um membro daquela sociedade. Isso é fundamental para a escrita de conteúdo com estilo de jornalismo de aventura, rico em detalhes e informações.

Pelo fato dos escritores serem jornalistas e não esportistas ou competidores de alto nível, o autor se torna “um de nós”, fazendo com que o leitor acredite ser possível aventurar-se “mundo afora” sem precisar de um grande preparo físico.

A pesquisa documental realizada é de suma importância para tornar o conteúdo de aventura, além de literário e prazeroso, também uma fonte de informação confiável, uma vez que o autor foi conferir as informações pessoalmente.

Embora essa pesquisa se refira principalmente ao material impresso vale ressaltar que há espaço em diferentes mídias. A televisão prova que há espaço para programas destinados a narrativas de aventuras de jornalistas, como o Programa Extremos, da Rede Globo.

Por fim, não podemos deixar de lembrar a importância dos relatos de aventura para a motivação de jovens leitores e aventureiros. Os autores despertam a curiosidade de novos leitores, ou disseminam essa incrível atividade, a da leitura, que pode nos transportar para qualquer parte do mundo.

A produção e leitura de narrativas de viagem de lugares próximos ou distantes desperta no ser humano a sensação ancestral de estar frente ao desconhecido e, com isso, pode mobilizar profundos conteúdos psíquicos que permitem aflorar percepções e inovações até então adormecidas nos indivíduos e na espécie humana (JUNG apud MARTINEZ, 2012, p. 49).

Dessa forma, este estudo contribui para a disseminação do jornalismo de aventura e amplia o conteúdo disponível nesta área. Além disso, exalta a importância do jornalismo literário para captar presentes e futuros leitores. A literatura nos apresenta fantasias, que ajudam também a experimentar o mundo, a suportá-lo, e a dele tirar algum sentido e momentos de prazer. São reportagens e livros de jornalismo de aventura que nos ampliam a visão de mundo. São eles que “abalam” nossa sensibilidade e nos fazem refletir sobre quem somos e qual é o “nosso lugar” no mundo. Apenas isso já é uma grande contribuição.

Referências

BÍBLIA, Livro Êxodo. **Bíblia Sagrada:** edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. c.15, v.22.

BRITO, José Domingos de (Org.). **Literatura e jornalismo.** São Paulo: Novera, 2007. v. 3.

CALGARO, Maiara. **A escalada de Airton Ortiz:** A proximidade do jornalismo e da literatura em livros de aventura. 2015. 135 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social: Jornalismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015.

CANDIDO, Antônio. **A Crônica:** O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Unicamp. Fundação Casa de Rui Barboda, 1992. p. 13 – 68.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura:** a sedução da palavra. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005. 180 p.

LEAL, Bruno Souza. **Do testemunho à leitura:** aspectos da evolução do narrador jornalístico, hoje. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/leal-bruno-narrador-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3.ed. Barueri, SP: Manole, 2004. xviii, 371 p.

_____. **Memória do Futuro**: Jornalismo Literário Avançado no século XXI. 2013. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/inovcom/article/viewFile/1729/1619>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. **Memória do Futuro**: Jornalismo Literário Avançado no século XXI - 2. 2014. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/inovcom/article/viewFile/1842/1667>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. **Verbetes Elaborados**. Disponível em: <www.edvaldopereiralima.com.br>. Acesso em: 4 set. 2014.

MARTINEZ, Monica. **Narrativas de viagem**: escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n1/03>> Acesso em: 14 de ago. de 2014.

MENEZES, Fagundes de. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997. 60 p.

MODERNELL, Renato. **Narrativas de viagem e jornalismo literário**. 2007. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/658/589>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

MODERNELL, Renato. **Em Trânsito**: um Estudo Sobre Narrativas de Viagem. 2009. 129 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: MEC – Ministério da Educação e Cultura, 2008.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009. 111 p.

PASKO, Priscila. Explorando a Praça. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, 18 set. 2014. Panorama, Caderno 64, p. 1-4.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006

_____. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Disponível em: <<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>>. Acessado em: 7 de fevereiro de 2015.

PIRES, Luciano. **O meu Everest**: realizando um sonho no teto do mundo. 2.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2002. 254 p

SWARBROOKE, John et al. **Turismo de aventura**: conceitos e estudos de casos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. 362 p.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005. 245 p.